



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL REI

TATIANE TAVARES DE MELO

**O processamento metafórico em tempos de pandemia: a
construção conceitual do termo “Coronavírus”
na esfera do discurso político**

SÃO JOÃO DEL REI

2022

TATIANE TAVARES DE MELO

**O processamento metafórico em tempos de pandemia: a
construção conceitual do termo “Coronavírus”
na esfera do discurso político**

Monografia apresentada à Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) como parte dos requisitos para a conclusão do curso de graduação em Letras.

Orientadora: Natália Elvira Sperandio

SÃO JOÃO DEL REI

2022

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo investigar o processo de enquadramento conceitual do termo “coronavírus”. Devido ao contexto pandêmico, vivenciado desde março de 2020, esse termo tornou-se bastante recorrente no âmbito linguístico e nas demais instâncias da realidade mundial, pois foi utilizado para referir-se ao vírus causador da Covid-19, doença que desencadeou a pandemia. Assim, por meio da metodologia bibliográfica-qualitativa, e com base nas postulações acerca dos aspectos cognitivos do processamento metafórico, formuladas por Lakoff e Johnson (2002), procurou-se identificar as metáforas usadas para favorecer ou mesmo possibilitar a compreensão desse domínio conceitual um tanto novo em nossa sociedade. O corpus analisado foi composto pela carta intitulada “Diretrizes de Coronavírus do presidente Trump para a América”, distribuída pelo ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, e por enunciados provenientes de discursos do presidente francês, Emmanuel Macron, e do presidente brasileiro, Jair Bolsonaro. Trata-se, portanto, de uma abordagem que engloba discursos políticos. Em consequência disso, realizou-se uma articulação entre as esferas cognitiva e persuasiva/argumentativa, essa última defendida por Charteris-Black (2004). Como resultados da proposta analítica empreendida, observamos considerável proximidade entre o encadeamento persuasivo-ideológico que perpassa os discursos de Trump e Macron, sendo que ambos se distanciam do caminho argumentativo identificado no discurso de Bolsonaro. Ademais, a conceitualização metafórica do termo coronavírus ancora-se, sobretudo, em personificações e em expressões que, conforme Kövecses (2002), podem ser designadas como “metáforas de esquema imagético”.

Palavras-chave: Coronavírus. Metáfora conceitual. Discurso.

SUMÁRIO

1.0 INTRODUÇÃO	5
2.0 O CONCEITO DE “METÁFORA”: DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE	6
2.1 A natureza das metáforas conceituais	10
2.2 Esquemas Imagéticos	11
2.3 Análise Crítica da Metáfora (ACM)	12
3.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	13
4.0 INVESTIGANDO O PROCESSO DE ENQUADRAMENTO CONCEITUAL DO TERMO CORONAVÍRUS	14
5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
Referências:.....	28

1.0 INTRODUÇÃO

Diante do cenário pandêmico, vivenciado oficialmente desde março de 2020, o termo coronavírus se tornou um tanto recorrente no cotidiano de toda a população mundial. Em virtude disso, o presente trabalho, desenvolvido a partir da metodologia bibliográfica-qualitativa, tem o objetivo de examinar o enquadramento conceitual desse termo, usado para referir-se ao vírus causador da doença denominada como COVID-19, a qual teve os primeiros registros de infecção em Wuhan, na China, e espalhou-se rapidamente pelos demais países do globo.

Tendo em vista o fato de que tal situação caracterizou-se como uma realidade demasiadamente nova, consideramos que o processamento metafórico desempenha um papel de grande relevância na construção conceitual do termo “coronavírus”. Isso porque, de acordo com a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), defendida por Lakoff e Johnson (2002), domínios conceituais novos tendem a ser compreendidos em termos de outros, mais conhecidos. Nessa perspectiva, os autores defendem que muitos aspectos da experiência humana são coerentemente organizados por meio de metáforas, as quais atuam não somente na conceitualização dessas experiências, mas também na criação de realidades e na condução das ações humanas.

Cabe mencionar que, para um maior enriquecimento da proposta analítica empreendida, as concepções da TMC, pautadas nos aspectos cognitivos do processamento metafórico, foram complementadas pelos pressupostos da Análise Crítica da Metáfora (ACM), formulada por Charteris-Black (2004). Uma vez que a ACM focaliza o viés argumentativo/persuasivo e ideológico que permeia o uso das expressões metafóricas, torna-se relevante utilizá-la na investigação do nosso corpus. Convém salientar ainda que esse último é composto por discursos oriundos do contexto político, englobando, de maneira mais específica, a carta distribuída nos Estados Unidos pelo ex-presidente Donald Trump, intitulada “Diretrizes de Coronavírus do presidente Trump para a América”, e alguns enunciados proferidos por Emmanuel Macron, presidente francês, e por Jair Bolsonaro, presidente do Brasil.

Os resultados da presente pesquisa permitem observar que os discursos do ex-presidente norte-americano e do presidente francês apresentam um encadeamento ideológico argumentativo consideravelmente próximo, que se difere, porém, daquele identificado no discurso do presidente brasileiro. Além disso, destaca-se que no processo

de enquadramento conceitual do termo coronavírus há uma significativa recorrência dos casos de personificação.

Outro elemento que chama a atenção é a utilização das chamadas “metáforas de esquema imagético”. Tais construções metafóricas, abordadas por Kövecses (2002), são fundamentadas em estruturas denominadas como “esquemas imagéticos”, os quais emergem de nossas experiências físicas mais básicas.

2.0 O CONCEITO DE “METÁFORA”: DA ANTIGUIDADE CLÁSSICA À CONTEMPORANEIDADE

Desde a Antiguidade Clássica, as questões acerca da metáfora despertaram o interesse de filósofos e estudiosos dedicados à retórica. A primeira definição desse tropo no ocidente é atribuída a Aristóteles. De acordo com esse filósofo, em linhas gerais, a metáfora se caracteriza como um ato de transposição do nome de uma coisa para outra (ARISTÓTELES, 1991 *apud* SPERANDIO 2014). Nesse contexto, cabe ressaltar que, por um longo período de tempo, a metáfora foi abordada como um simples ornamento linguístico, um recurso cujo uso se limitaria aos textos poéticos e literários.

Apesar de muitos estudiosos afirmarem que tal conceito é aristotélico, Vereza (2010) alega que essa concepção de metáfora deriva de um reducionismo ao qual a retórica foi submetida. Tal perspectiva encontra respaldo nas proposições de Mahon (1999 *apud* SPERANDIO, 2014), pois esse autor propõe que Aristóteles reconhecia o valor cognitivo e pedagógico da metáfora, admitindo, por exemplo, sua interferência no processo de compreensão do mundo.

No campo das investigações sobre metáfora, é relevante salientar também a elaboração da chamada “metáfora do canal”. Desenvolvida por Reddy (1979) a partir de análises acerca da maneira de descrever o fenômeno da comunicação em língua inglesa, ela evidencia que, frequentemente, a linguagem é compreendida em termos de um canal. Segundo as postulações de Reddy (1979), o processo comunicativo consiste em uma espécie de transferência de pensamentos. Esses últimos são entendidos como “objetos” que um indivíduo transmite ao outro por meio de palavras e expressões linguísticas, consideradas como “recipientes” nos quais as pessoas introduzem suas ideias. Tais ideias são retiradas novamente quando outra pessoa ouve ou lê essas expressões. Dessa forma, a linguagem é conceitualmente delineada como um canal que permite a transmissão corpórea de ideias, pensamentos e sentimentos.

As postulações de Reddy (1979) serviram de base para as reflexões apresentadas por Lakoff e Johnson (2002), no livro “Metaphors we live by” – traduzido para o português como: “Metáforas da vida Cotidiana”. Publicado originalmente em 1980, esse livro desencadeou uma verdadeira revolução nos estudos sobre metáfora. Diante disso, convém ressaltar que, conforme Schröder (2008a), algumas das concepções defendidas nessa obra foram antecipadas por outros estudiosos, como, por exemplo, Hans Blumenberg com as teses do domínio (de acordo com a qual é preciso considerar o aspecto conceitual da metáfora ao invés de simplesmente analisá-la de modo isolado) e do modelo (defende que as metáforas constituem modelos cognitivos que atuam na organização do conhecimento humano). Entretanto, Lakoff e Johnson foram os primeiros a sistematizar uma teoria empírica que englobasse os pressupostos basilares da teoria cognitivista sobre a metáfora, de maneira que “Metáforas da Vida Cotidiana” é tido como pilar para o desenvolvimento da Linguística Cognitiva e da Teoria da Metáfora Conceitual (TMC).

Assim sendo, Lakoff e Johnson são apontados como precursores da mudança paradigmática a partir da qual a metáfora passa a ser abordada não como uma figura de linguagem, mas sim como uma figura de pensamento. O cerne de tal mudança paradigmática encontra-se no fato de que esses autores defendem a essencialidade da metáfora nos processamentos mentais e, conseqüentemente, nas ações humanas. Tendo em vista essa concepção, eles declaram que “o modo como pensamos, o que experienciamos e o que fazemos todos os dias são uma questão de metáfora” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 46). Ou seja, de acordo com eles, as construções metafóricas se fazem amplamente presentes no cotidiano dos indivíduos, ultrapassando o âmbito da linguagem ao se fazerem fundamentais para as operações cognitivas e para as demais atividades desempenhadas diariamente.

No que tange ao processo de conceitualização metafórica, Lakoff e Johnson (2002) afirmam que a estruturação de um conceito em termos provenientes de outro campo de significação se consolida por meio de um mapeamento parcial e sistemático, no qual estão envolvidos dois domínios conceituais distintos: o domínio-fonte, responsável por fornecer inferências que são evocadas e selecionadas conforme as demandas contextuais, e o domínio-alvo, compreendido como o local de aplicação dessas inferências. Conforme os estudiosos, geralmente, o domínio-fonte é mais concreto e acessível às experiências físicas, ao passo que o domínio-alvo tende a ser mais abstrato.

Eles propõem também que as metáforas conceituais devem ser transcritas de acordo com a seguinte notação: DOMÍNIO-ALVO É DOMÍNIO-FONTE.

Para exemplificar suas propostas, Lakoff e Johnson apresentam a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Essa construção metafórica, por meio da qual o domínio-alvo “discussão” é conceitualizado em termos do domínio-fonte “guerra”, está arraigada no sistema conceitual da nossa cultura. Dessa forma, mesmo que o indivíduo não tenha vivenciado, de fato, uma experiência de luta física ou uma situação de guerra, ele consegue aplicá-la com naturalidade, nas situações comunicativas mais corriqueiras.

Esse exemplo permite observar ainda a distinção entre metáfora conceitual e metáfora linguística. De acordo com Lakoff e Johnson (2002), a primeira remete a construções mentais abstratas, isto é, a conceitos metafóricos; ao passo que a segunda corresponde às expressões linguísticas que derivam de tais construções caracterizando-se como formas linguísticas dos conceitos metafóricos. Desse modo, frases como “Eu apenas *atirei* as palavras, sem pensar nas consequências” e “Ele *derrotou* todos os meus argumentos” são metáforas linguísticas que se relacionam à metáfora conceitual DISCUSSÃO É GUERRA. Verifica-se, portanto, que uma metáfora conceitual pode ser representada por expressões linguísticas distintas, sendo que essas expressões fornecem evidências bastante significativas sobre as matrizes metafóricas que fundamentam o sistema conceitual humano.

Nesse cenário, os autores assinalam que a diferença fundamental entre uma conversa e uma discussão é o fato de que nessa última os indivíduos têm a sensação de estar em uma batalha, já que se trata de uma circunstância na qual há uma disputa de pontos de vista. Além disso, sendo conversa e guerra compostos por uma estrutura multidimensional, conceber a ação de falar em termos de um combate físico implica a sobreposição parcial do conceito de “guerra” sobre a estrutura correspondente em “conversa”, estruturando assim o conceito de “discussão”.

Essas estruturas multidimensionais são as chamadas “*Gestalts experienciais*”, definidas como: “[...] Maneiras de organizar as experiências em *blocos* estruturados.” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 158, grifo dos autores). Segundo os autores, cada domínio conceitual se estrutura por meio de *gestalts* experienciais, de maneira que as coisas componentes do mundo são conceitualizadas a partir do modo como os indivíduos interagem com elas. A luz de tais concepções, observa-se que as similaridades entre um conceito e outro estão fundamentadas no que Lakoff e Johnson (2002) designam como

propriedades interacionais e não em propriedades inerentes. Por conseguinte, a definição dos conceitos, ancorada em protótipos e nas relações estabelecidas entre eles, não deve ser tratada como rígida ou inflexível.

As proposições de Lakoff e Johnson (2002) destacam ainda que o processamento metafórico possibilita a formulação detalhada de um conceito, bem como fornece recursos para realçar ou encobrir determinados aspectos que o constituem, sendo que a análise dos elementos que são focalizados permite perceber quais foram obscurecidos. Acerca disso, os autores apontam que, enquanto criadoras de realidades, as metáforas dispõem de uma rede de implicações perpassada pela coerência. Ao clarear determinados aspectos de uma experiência e obscurecer outros, essas implicações metafóricas são encaradas como verdades. Isso é, uma declaração pode apresentar veracidade em relação a apenas uma das compreensões que se tem sobre ela.

Assim sendo, os autores afirmam que “Na maior parte dos casos, o que está em questão não é a veracidade ou falsidade de uma metáfora, mas as percepções e inferências que a acompanham e as ações sancionadas por ela” (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 260). Em decorrência disso, o entendimento de uma situação depende da interação que o indivíduo estabelece com ela, de modo que a verdade é relativa aos termos estabelecidos pelo sistema conceitual, que fornece sempre compreensões parciais, impossibilitando o acesso a uma verdade total ou definitiva.

Ademais, embora não seja esse o enfoque de seu trabalho, os autores reconhecem que o significado de uma metáfora está atrelado não apenas às experiências vivenciadas, mas também à esfera cultural. Isso porque a conceitualização se ancora em nossas experiências físicas diretas, as quais ocorrem em meio a um acervo cultural demasiadamente amplo.

Nesse viés, faz-se necessário enfatizar que, na perspectiva de Lakoff e Johnson, o sentido é corporificado e, ao constituir-se a partir de uma estrutura conceitual, demonstra que uma parcela muito significativa das línguas naturais é metafórica por natureza. Portanto, pode-se afirmar que:

É como se a habilidade de compreender a experiência por meio da metáfora fosse um dos cinco sentidos, como ver, ou tocar, ou ouvir, o que quer dizer que nós só percebemos e experienciamos uma boa parte do mundo por meio de metáforas. A metáfora é parte tão importante da nossa vida como o toque, e tão preciosa quanto. (LAKOFF; JOHNSON, 2002, p. 358)

Assim, a aptidão para entender e experienciar o mundo por meio de metáforas é descrita como uma das capacidades humanas mais fundamentais, de forma que se torna

bastante nítida a essencialidade do processamento metafórico no que se refere à construção de sentidos nas mais diversas atividades de conceitualização e compreensão.

Com o intuito de melhor explicitar a natureza dos conceitos metafóricos que integram o *corpus* investigado nesta pesquisa, torna-se profícuo aliar nossa proposta analítica às proposições de Kövecses (2002), as quais abordam a estreita relação que se estabelece entre o processamento metafórico e as estruturas denominadas como “esquemas imagéticos”, geradas a partir de nossas experiências físicas básicas.

2.1 A NATUREZA DAS METÁFORAS CONCEITUAIS

Acerca da natureza das metáforas conceituais, Kövecses (2002) pontua que os mapeamentos metafóricos podem envolver, além dos elementos provenientes do conhecimento básico, os esquemas de imagéticos. De acordo com esse autor, a estrutura esquelética de tais esquemas representa o domínio-fonte para um número considerável de construções metafóricas, as quais ele denomina como “metáforas de esquema imagético”. Portanto, Kövecses (2002, p. 37) afirma que “As experiências físicas básicas originam os chamados ‘esquemas imagéticos’ e esses esquemas imagéticos estruturam metaforicamente muitos dos nossos conceitos abstratos”¹. Ou seja, o estudioso defende que essas estruturas atuam de forma significativa em nossa compreensão metafórica sobre o mundo.

Com o intuito de demonstrar isso, Kövecses (2002) menciona que a noção de “jornada”, utilizada, por exemplo, na conceitualização do domínio semântico “vida”, está alicerçada no esquema imagético do MOVIMENTO. O autor propõe ainda que é possível identificar níveis específicos nesse esquema, cuja estrutura caracteriza-se como sendo bastante genérica. Dessa forma, caminhada, corrida ou jornada representam maneiras distintas de se retratar um mesmo esquema imagético, preservando, entretanto, alguns dos traços que constituem a estrutura esquemática subjacente.

Tendo em vista a relevância dos esquemas imagéticos para o processamento metafórico, faz-se necessário uma compreensão um pouco mais aprofundada sobre essas estruturas.

¹ Tradução livre de: “These basic physical experiences give rise to what are called image-schemas, and the imageschemas structure many of our abstract concepts metaphorically.”

2.2 ESQUEMAS IMAGÉTICOS

De acordo com Johnson (2017), as estruturas de esquema imagético se caracterizam como uma resposta muito satisfatória ao questionamento acerca de como se dariam os processos de racionalização e significação para os seres humanos, considerando que nossas atividades cognitivas são corporificadas. Diante disso, Johnson (2017) defende a existência de estruturas de percepção, fundamentadas nas experiências sensório-motoras, que são evocadas para permitir o entendimento e a racionalização sobre conceitos abstratos. Tais estruturas apontadas pelo autor são, mais especificamente, os esquemas imagéticos, definidos como “[...] Os padrões recorrentes das nossas experiências sensório-motoras-afetivas por meio dos quais podemos produzir sentidos a partir de tais experiências e raciocinar sobre elas”.² (JOHNSON, 2017, p. 127)

No que concerne às características dos esquemas imagéticos, o autor enfatiza que eles apresentam uma lógica própria, responsável por possibilitar a construção de sentidos a partir de experiências corpóreas cotidianas e por fundamentar o levantamento de inferências para o processo de conceituação que engloba entidades ou operações de caráter abstrato.

Outro aspecto destacado por Johnson (2017) refere-se à necessidade de compreender os esquemas imagéticos como estruturas responsáveis por interligar nossas experiências físicas, situadas no mundo material, às atividades como imaginação e raciocínio. Ou seja, eles não se caracterizam como estruturas completamente mentais ou exclusivamente corporais, mas sim como uma continuidade corpo-mente, sendo que é, precisamente, essa relação entre as instâncias cognitivas e corpóreas que justifica seu recrutamento para operações de conceituação abstrata.

Portanto, pode-se entender que os esquemas imagéticos são estruturas providas de uma logicidade intrínseca e singular que representam um elo entre as operações cognitivas e as experiências corpóreas. Assim, eles desempenham um importante papel tanto na compreensão de conceitos abstratos quanto na produção de significados, sendo responsáveis pela estruturação de diversas metáforas conceituais ao atuarem como fontes de inferências para a conceitualização de determinados domínios-alvo.

² Tradução livre de: “[...] The recurring patterns of our sensory-motor-affective experience by means of which we can make sense of that experience and reason about it.”

Posto isso, cabe ressaltar que, especialmente pelo fato de nosso *corpus* se constituir por discursos oriundos do campo político, julgamos necessário recorrermos ao trabalho desenvolvido por Charteris-Black (2004), pois esse nos possibilitará uma análise argumentativa da figuratividade apresentada pela metáfora.

2.3 ANÁLISE CRÍTICA DA METÁFORA (ACM)

Apesar da inegável contribuição do trabalho de Lakoff e Johnson (2002) no desenvolvimento de uma compreensão mais ampla acerca do processamento metafórico, ao focalizar seus aspectos cognitivos, a perspectiva apresentada pela Teoria da Metáfora Conceitual (TMC) deixa de lado o caráter persuasivo/argumentativo, bem como a dinamicidade discursiva e contextual, que caracterizam o uso concreto das expressões oriundas desse tropo.

Nesse cenário, é relevante destacar a proposta de Charteris-Black (2004). De acordo com esse autor, o processo de análise das expressões metafóricas deve aliar aspectos provenientes das dimensões: semântica, cognitiva e pragmática, de modo que esses últimos permitam identificar as motivações ideológicas que explicam as escolhas metafóricas específicas encontradas em determinados discursos. Assim, com base nos pressupostos da Análise Crítica do Discurso (ACD) de Flairclough, a chamada Análise Crítica da Metáfora (ACM), formulada por Charteris-Black (2004), concede especial enfoque ao viés ideológico e argumentativo que permeia as construções metafóricas. Segundo o estudioso, essas últimas representam escolhas conscientes, realizadas pelo produtor do texto em conformidade com o objetivo retórico da persuasão. Tal objetivo tem mais chances de ser conquistado diante da ativação do emocional do interlocutor, que é favorecida pelo uso de metáforas.

Ademais, verifica-se que, ao selecionar determinadas expressões metafóricas em detrimento de outras, o produtor de um texto direciona tanto a interpretação do leitor quanto a sua forma de compreender a temática abordada. Nesse viés, à luz das proposições de Charteris-Black (2004), Luques (2010) salienta que é necessário buscar certo entendimento acerca de como se dá a escolha de uma metáfora em detrimento de outras, pois essa escolha interfere na construção do caminho argumentativo pretendido, sendo possível empregar metáforas distintas no processo de conceitualização de uma única temática, assim como uma só metáfora pode ser utilizada de formas variadas.

Dessa forma, observa-se que o processo de escolha das metáforas que figuram na materialidade discursiva, norteadas pelo propósito persuasivo, deixa transparecer os princípios ideológicos do locutor, de maneira que, para Charteris-Black (2004 *apud* Luques, 2010), as expressões metafóricas empregadas na esfera discursiva se vinculam tanto às experiências corpóreas quanto às experiências sociais. O autor esclarece ainda que as metáforas implicam respostas por parte do emocional do interlocutor e, sobretudo devido ao seu caráter pragmático, constituem também uma maneira de apresentar avaliações sobre a temática a qual se referem.

3.0 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa adota um enfoque bibliográfico-qualitativo. Desse modo, realizamos, primeiramente, a leitura de textos teóricos, a partir dos quais foram elaborados resumos que auxiliaram na fundamentação da proposta analítica empreendida.

Cabe realçar que, com base no conceito de metáfora defendido por Lakoff e Johnson (2002) na Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), temos o intuito de investigar, de forma minuciosa, as metáforas que atuam no processo de enquadramento conceitual do termo coronavírus.

Para tal, foram recolhidos, de reportagens vinculadas a sites da internet, alguns excertos provenientes do discurso político. Diante disso, convém recordar que o *corpus* desta pesquisa é constituído pela carta intitulada “Diretrizes de Coronavírus do presidente Trump para a América”, distribuída nos Estados Unidos pelo ex-presidente Donald Trump, e por enunciados proferidos por Emmanuel Macron, presidente da França, e Jair Bolsonaro, presidente do Brasil. Esses enunciados foram retirados de sites variados, dentre os quais se encontram, por exemplo, “CNN Brasil”, “Jornal de Brasília”, “Deutsche Welle” e “Isto é” (site da revista).

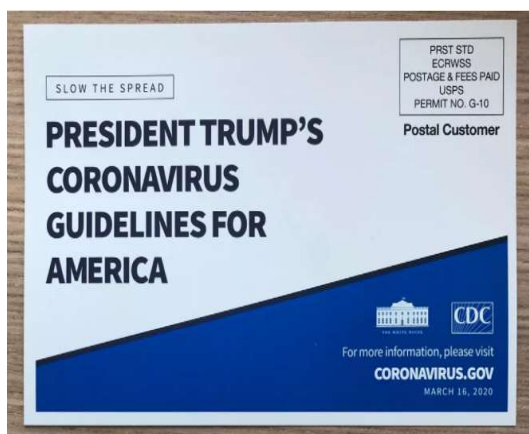
Como foi dito anteriormente, devido ao fato de nosso *corpus* englobar discursos que se originam no âmbito do discurso político, buscamos entrelaçar as postulações de Lakoff e Johnson (2002), situadas no campo da Linguística Cognitiva, às propostas de Charteris-Black (2004 *apud* Luques, 2010), pois esse autor enfatiza os aspectos argumentativos e ideológicos que podem ser identificados nas expressões metafóricas.

É relevante frisar ainda que o recorte dos enunciados a serem examinadas se atenta às falas que, ao serem articuladas pelos referidos presidentes, tiveram maior repercussão nas mídias sociais.

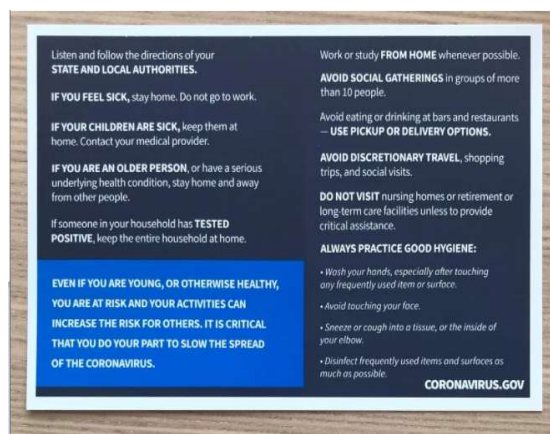
4.0 INVESTIGANDO O PROCESSO DE ENQUADRAMENTO CONCEITUAL DO TERMO CORONAVÍRUS

Tendo em vista as teorias supracitadas, acreditamos que a vertente teórica defendida por Lakoff e Johnson (2002) nos auxiliará na identificação das expressões linguísticas metafóricas utilizadas para referir-se ao termo “coronavírus”. Conseqüentemente, as proposições da TMC permitirão que as metáforas conceituais subjacentes a tais expressões sejam analisadas, proporcionando não apenas um entendimento detalhado acerca dos mapeamentos realizados entre os domínios fonte e alvo no processo de construção de significados que engloba o domínio conceitual examinado, mas também auxiliando na compreensão desse processo cognitivo por meio do qual o novo real (coronavírus) é apreendido.

Assim sendo, encontra-se anexada abaixo a carta de Trump, que representa o primeiro discurso a ser abordado.



Carta assinada por Donald Trump apresenta diretrizes ao povo americano sobre o combate ao novo coronavírus entregue na Flórida, EUA. — Foto: G1



Carta assinada por Donald Trump apresenta diretrizes ao povo americano sobre o combate ao novo coronavírus entregue na Flórida, EUA. — Foto: G1

Fonte: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/03/26/em-carta-presidente-trump-pede-para-americanos-ficarem-em-casa-por-coronavirus.ghtml>

Tradução livre das diretrizes de Trump³:

1. Escutar e seguir as determinações dos estados e autoridades locais.
2. Não *ir* trabalhar se estiver com sintomas;
3. Não *sair de casa* com crianças doentes e chamar a assistência médica;
4. Idosos e pacientes com doenças crônicas devem *ficar em casa*;
5. *Isolamento total* da família caso haja a confirmação de um caso de Covid-19;
6. Trabalhar e estudar *de casa* sempre que possível;
7. *Evitar reuniões sociais* com mais de dez pessoas;

³ Os itálicos são nossos e foram utilizados com o intuito de colocar em evidência as expressões responsáveis por revelar a metáfora ativada ao longo da carta.

8. *Evitar bares e restaurantes*, dar preferência a delivery e “para viagem”;
9. *Evitar viagens desnecessárias*, para compras ou turismo;
10. *Não visitar* berçários ou asilos;
11. Praticar sempre uma boa higiene.

A partir da leitura dessas diretrizes, elaboradas com o objetivo de conter o avanço rápido das infecções pelo coronavírus nos Estados Unidos, pode-se observar que, com exceção dos tópicos “1” e “11”, todas as recomendações presentes na carta explicitam a ideia de que o ideal é permanecer *em casa*. Esse último termo aparece nas diretrizes “3”, “4” e “6”, além de ficar subentendido nos tópicos “2”, “5”, “7”, “8”, “9” e “10”. Portanto, a casa é conceitualizada como um CONTÊINER que oferece proteção contra o coronavírus, personificado como um inimigo a ser combatido. Devido a isso, pode-se inferir que as diretrizes de Trump remetem à metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA. Ou seja, o mapeamento metafórico é efetuado de maneira que são evocados o contexto da guerra e a determinação de acordo com a qual a população é aconselhada a permanecer no interior de suas casas durante os confrontos armados que acontecem no ambiente externo. Essa orientação se mantém no cenário pandêmico, já que o inimigo está à espreita pelas ruas, aguardando apenas por um pequeno deslize para “derrotar” (infectar) seu rival (a população).

Em virtude disso, identifica-se a metáfora CASA É PROTEÇÃO, que, conforme as proposições de Kövecses (2002), pode ser considerada como uma “metáfora de esquema imagético”, pois a estrutura esquelética do esquema do CONTÊINER é recrutada para permitir a conceitualização da casa como um recipiente que proporciona segurança. No que se refere aos tópicos “2” e “10”, verifica-se ainda que a utilização dos verbos “ir” e “visitar”, respectivamente, estabelece uma associação entre o esquema do CAMINHO e o conceito metafórico norteador da carta. Torna-se possível perceber essa associação pelo fato de que os verbos “ir” e “visitar” pressupõem a ideia de um deslocamento em um espaço, ao longo de um percurso (CAMINHO), porém, ambos foram usados em sentenças nas quais aconselha-se que esses deslocamentos não sejam realizados, deixando implícita a noção de que *ficar em casa* é o ideal.

As diretrizes propostas pelo ex-presidente norte americano podem ser relacionadas também a alguns dos enunciados proferidos por Emmanuel Macron. Isso porque a metáfora CASA É PROTEÇÃO é responsável por subsidiar os seguintes excertos referentes ao discurso do presidente francês:

- (01) Macron também admitiu que o *toque de recolher* imposto há duas semanas em Paris e outras cidades importantes do país não foi capaz de impedir um avanço rápido das infecções pelo coronavírus que já deixaram mais de 35 mil mortos em território francês.⁴

- (02) "É preciso *evitar* o máximo as *aglomerações* porque sabemos que elas são as *principais ocasiões de propagação* do vírus"⁵.

A adoção do toque de recolher e a orientação de evitar as aglomerações implicam na permanência *em casa* pelo maior tempo possível, o que diminui consideravelmente os riscos de contágio do coronavírus. Essa aproximação entre as recomendações prescritas na carta de Trump e as falas de Macron, promovida pela utilização da metáfora CASA É PROTEÇÃO, pode ser apreendida de forma ainda mais nítida quando se considera o excerto abaixo:

- (03) "Diminuímos a circulação do vírus, mas este continua muito presente na França, como em todo o hemisfério Norte." [...] E se há mudanças de algumas regras, há medidas que se vão manter, pelo menos para já: "Teremos de continuar a *ficar em casa*, em teletrabalho quando possível, a renunciar a reuniões privadas, reuniões de família e a todas as viagens desnecessárias"⁶.

Desse modo, verifica-se que a ideia da casa como um recipiente ou CONTÊINER que fornece a defesa necessária contra o coronavírus atua como guia no caminho argumentativo traçado pela carta de Trump e pelas falas de Macron. Por meio de tais manifestações discursivas os políticos buscam convencer a população de que é preciso manter-se *em casa*. Ou seja, de acordo com a proposta de Charteris-Black (2004 *apud* Luques), as escolhas metafóricas presentes nessas amostras foram realizadas de forma estratégica, tendo como objetivo persuadir o interlocutor, representado respectivamente pelas populações estadunidense e francesa, de que o isolamento social é a medida mais eficiente no enfrentamento da pandemia.

No que concerne ao discurso de Emmanuel Macron, observa-se ainda que os trechos "[...] um *avanço rápido* das infecções pelo coronavírus que *já deixaram mais de*

⁴ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/covid-19-macron-anuncia-novo-confinamento-na-fran%C3%A7a/a-55429507>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

⁵ Disponível em: <<https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20200614-macron-comemora-primeira-vida-contr-a-coronav%C3%ADrus-e-acelera-relaxamento-da-quarentena>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

⁶ Disponível em: <<https://www.publico.pt/2020/11/25/mundo/noticia/covid19-franca-reabre-tres-etapas-macron-pior-segunda-vaga-ja-passou-1940584>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

35 mil mortos em território francês”, integrante do enunciado (01), e “Diminuímos a circulação do vírus, mas este continua muito presente na França, como em todo o hemisfério Norte: na Europa, nos Estados Unidos, no Canadá, na Rússia”, componente do enunciado (03), ilustram exemplos de personificação do coronavírus. No caso do enunciado (01) depreende-se a seguinte conceitualização: CORONAVÍRUS É UMA ENTIDADE MORTAL, posto que a propagação do vírus aumenta o número de pessoas infectadas e, conseqüentemente, o número de mortes. Já no enunciado (03), o vírus é conceitualizado como uma entidade em movimento, algo que pode ser novamente identificado nas sentenças abaixo:

- (04) "O vírus *está circulando em uma velocidade* que nem as previsões mais pessimistas anteciparam", disse Macron. "Como todos os nossos vizinhos, estamos mergulhados na súbita aceleração do vírus"⁷.

- (05) "Como em toda a Europa, estamos sobrecarregados pela *repentina aceleração da pandemia*", disse o líder francês em discurso transmitido pela televisão. "O vírus *está se espalhando* pela França *a uma velocidade* que mesmo os mais pessimistas não previram."⁸

Nota-se que tanto o enunciado (04) quanto o enunciado (05) se ancoram na metáfora CORONAVÍRUS É UMA ENTIDADE EM MOVIMENTO ACELERADO, sendo que essa metáfora é depreendida a partir do uso de expressões como “repentina aceleração” e “está circulando”, empregadas para referir-se à movimentação de seres concretos e animados. Verifica-se também que em ambos o esquema do CONTÊINER é evocado, o que demonstra a utilização de expressões linguísticas metafóricas distintas remetendo, entretanto, a uma mesma metáfora conceitual.

No que tange ao enunciado (04), é relevante destacar o trecho "Como todos os nossos vizinhos, estamos *mergulhados* na súbita aceleração do vírus”. Devido às nossas experiências socioculturais, o termo grifado nos remete a um contêiner de água e sugere a compreensão de que toda a nação francesa se encontraria imersa na súbita aceleração do coronavírus. Tal compreensão, estando associada ao esquema imagético do

⁷ Disponível em: <<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/10/28/franca-retorna-a-lockdown-nacional-para-conter-nova-onda-de-casos-de-covid-19>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

⁸ Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/covid-19-macron-anuncia-novo-confinamento-na-fran%C3%A7a/a-55429507>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

CONTÊINER, explicita que toda a população estaria inserida nesse “recipiente” que corresponde à aceleração do vírus. Em decorrência disso, cabe recordar o sistema metafórico identificado nas culturas ocidentais e abordado por Lakoff e Johnson (2002), pois essa organização sistemática justifica a existência das metáforas MENOS É PARA BAIXO, TRISTEZA É PARA BAIXO e INCONSCIENTE É PARA BAIXO, bem como o fato de seus respectivos opostos serem conceitualizados como “para cima”. Isso ocorre porque esse sistema metafórico apresenta uma coerência por meio da qual coisas boas são entendidas como “para cima”, enquanto que coisas ruins são entendidas como “para baixo”. Dessa forma, ao conceber a aceleração do vírus como um “mergulho”, a expressão linguística usada por Macron mostra-se em consonância com tal sistema.

O enunciado (05), por sua vez, apresenta, além da personificação do vírus, a metáfora conceitual DIFICULDADES SÃO CARGAS, proposta por Lakoff e Johnson (1999). Partindo da concepção de “carga” como sendo um peso muito elevado, essa metáfora conceitual é ativada por intermédio da seguinte expressão linguística: “estamos *sobrecarregados* pela repentina aceleração da pandemia”. Ou seja, o coronavírus é entendido como uma carga demasiadamente pesada que recai sobre a sociedade francesa. Isso permite perceber uma associação com o esquema do BLOQUEIO, posto que essa carga representa um impedimento, um entrave, que “pesa” sobre a população, *bloqueando* o acesso à normalidade que caracterizava a rotina de vida das pessoas.

Acerca do enunciado (05) é importante salientar ainda o trecho: “O vírus está se *espalhando* pela França”. Ao possuir a natureza física de algo capaz de se espalhar, o vírus é compreendido como um líquido, sendo que a extensão territorial francesa é caracterizada como um CONTÊINER no qual esse fluido se abriga e pelo qual se espalha cobrindo tudo à sua volta, como uma onda de água. Assim, é possível identificar a metáfora CORONAVÍRUS É UM LÍQUIDO, que é novamente percebida no enunciado abaixo, no qual são encontradas, além das marcas linguísticas (segunda onda) que remetem a esse conceito metafórico, expressões que permitem uma retomada das metáforas CORONAVÍRUS É UMA ENTIDADE MORTAL (difícil e mortal) e CORONAVÍRUS É UMA ENTIDADE EM MOVIMENTO (freio brutal).

- (06) Segundo o presidente, a *segunda onda* de infecções “provavelmente será ainda mais *difícil e mortal* do que a primeira”, e por isso é preciso dar um “*freio brutal* nos contágios”. “Vamos conseguir todos nós juntos”.⁹

Observa-se que a expressão “Segunda *onda* de infecções”, responsável por ativar a metáfora CORONAVÍRUS É UM LÍQUIDO, aponta o novo aumento no número de infecções, que implica também em uma elevação na curva dos gráficos que atuam como indicadores da pandemia. Tendo em mente a compreensão do vírus como um líquido que se *espalha* e o entendimento da aceleração da pandemia como um *recipiente* no qual a população estaria *mergulhada*, pode-se constatar que as elevações de água (ondas marítimas) são usadas como domínio-fonte para promover a conceitualização do domínio-alvo que, no caso do enunciado (06), corresponde à elevação do número de casos de COVID-19 (onda pandêmica).

Embora destoe da organização sistemática mencionada anteriormente, estabelecida a partir de BOM É PARA CIMA, essa forma de conceber o aumento nos casos de COVID-19 encontra-se em concordância com a metáfora MAIS É PARA CIMA, cuja base física é mais evidente, respeitando assim uma tendência geral do processamento de conceitualização metafórica, abordada por Lakoff e Johnson (2002).

Cabe ressaltar ainda a expressiva presença do esquema UNIDADE-PARTES no discurso de Macron. Tal aspecto torna-se bastante evidente diante do trecho “*Vamos conseguir todos nós juntos*”, integrante do enunciado (06). Nota-se que o emprego da primeira pessoa do plural representa uma inclusão de todos os habitantes da nação francesa nas falas proferidas pelo presidente. A utilização desse esquema pode ser novamente identificada nas frases abaixo:

- (07) “Se não *fizéssemos* nada agora, dentro de alguns meses *teríamos* pelo menos mais 400 mil mortes”.¹⁰

- (08) “*Estamos* todos na mesma posição: tomados por uma segunda onda que *sabemos* que será mais difícil e mais fatal que a primeira”.¹¹

⁹ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-19-macron-anuncia-novo-confinamento-na-fran%C3%A7a/a-55429507>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹⁰ Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/covid-19-macron-anuncia-novo-confinamento-na-fran%C3%A7a/a-55429507>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹¹ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/2020/10/28/franca-retorna-a-lockdown-nacional-para-conter-nova-onda-de-casos-de-covid-19>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

- (09) “*Sabemos que estamos apenas no início... Vamos tentar, com todos os membros da saúde, tomar as decisões corretas*”.¹²

- (10) “*Enfrentamos uma crise, uma epidemia... Vamos ter que enfrentar isso da melhor maneira que pudermos*”.¹³

Ademais, ressalta-se que os enunciados (07) e (08) evocam o esquema imagético da ESCALA para respaldar a ideia de que os efeitos de uma segunda onda tendem a ser mais intensos e mais nocivos. Algo semelhante pode ser observado no seguinte trecho do enunciado (06): “*a segunda onda de infecções ‘provavelmente será ainda mais difícil e mortal do que a primeira’*”, pois os termos em itálico remetem ao esquema de ESCALA e deixam transparecer o intuito de frisar a letalidade ainda maior dessa onda. Quanto ao enunciado (08), verifica-se que, ao abordar essa segunda *onda* de contaminações, há uma retomada da metáfora CORONAVÍRUS É UM LÍQUIDO, discutida anteriormente.

O enunciado (09), em contrapartida, é alicerçado a partir de um conceito metafórico que ainda não foi abordado nesta proposta analítica. Trata-se da metáfora CORONAVÍRUS É UMA JORNADA, na qual são evocados elementos da estrutura esquelética do esquema imagético do MOVIMENTO para possibilitar uma maior compreensão acerca do processo de enfrentamento da situação pandêmica.

Nesse contexto, vale mencionar o enunciado (10), já que em “*Enfrentamos uma crise, uma epidemia... Vamos ter que enfrentar isso da melhor maneira que pudermos*” a utilização de um verbo característico dos contextos de guerra para referir-se ao cenário pandêmico, acentua o estabelecimento de uma associação entre o domínio conceitual “Coronavírus”, que corresponde ao inimigo a ser *enfrentado*, e o campo semântico destinado aos conflitos armados. Consolida-se, desse modo, a metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA, que é reafirmada no excerto abaixo:

- (11) “A partir de amanhã poderemos virar a página do primeiro ato da crise que acabamos de *enfrentar*”, afirmou o presidente francês. Ele ressaltou que a *luta contra a epidemia* não terminou, mas essa é “*uma primeira vitória contra o vírus*”.¹⁴

¹² Disponível em: <<https://istoe.com.br/enfrentamos-uma-epidemia-diz-macron-sobre-coronavirus/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹³ Disponível em: <<https://istoe.com.br/enfrentamos-uma-epidemia-diz-macron-sobre-coronavirus/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹⁴ Disponível em: <<https://www.rfi.fr/br/fran%C3%A7a/20200614-macron-comemora-primeira-vit%C3%B3ria-contra-o-coronav%C3%ADrus-e-acelera-relaxamento-da-quarentena>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

Nesse enunciado é possível perceber uma associação entre as metáforas CORONAVÍRUS É GUERRA e PANDEMIA É UMA PEÇA DE TEATRO. Essa última recruta o domínio-fonte “primeiro ato de uma peça teatral” para conceitualizar o domínio-alvo “primeiro *confronto contra* o coronavírus”. Dessa maneira, “*virar a página do primeiro ato da crise*” sustenta a ideia de que uma queda no número de infecções pelo vírus representa apenas uma “primeira *vitória*”. Ou seja, assim como o primeiro ato de uma peça teatral é encerrado, a batalha inicial contra o coronavírus foi finalizada e, por hora, o inimigo foi vencido. Entretanto, a guerra (peça teatral) continua e a população (leitor/plateia) vivenciará (lerá/assistirá) o desenrolar das próximas batalhas (próximos atos), sendo que o uso da expressão “*primeira vitória*” ilustra novamente uma projeção metafórica que se apoia no esquema da ESCALA.

Posto isso, torna-se interessante inserir as análises acerca do discurso de Jair Bolsonaro, pois a utilização de elementos provenientes do domínio da guerra para referir-se ao domínio-alvo coronavírus também pode ser percebida nas falas do presidente brasileiro. Como exemplo, observa-se o enunciado abaixo:

- (12) "Essa é uma realidade, o vírus tá aí. Vamos ter que *enfrentá-lo*, mas *enfrentar* como homem, porra (sic). Não como um moleque. Vamos *enfrentar* o vírus com a realidade. É a vida. Todos nós iremos morrer um dia." ¹⁵

Inicialmente, nossa atenção se volta para a declaração de que “o vírus *tá aí*”, já que a partir dela o coronavírus é caracterizado como uma entidade concreta que se faz presente na realidade cotidiana, revelando um caso de personificação. No entanto, o que mais se destaca no enunciado acima é a ênfase na ideia de que a realidade pandêmica precisa ser *enfrentada*. Assim, ao se ancorar na metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA, a fala do presidente evoca os conflitos bélicos que caracterizam o domínio-fonte e convida o povo a travar uma espécie de embate direto contra o coronavírus, que representa o inimigo mortal e intimidador com o qual guerreamos. É interessante observar também que, por meio do trecho “[...] *É a vida*. Todos nós *iremos* morrer um dia”, o enunciado (12) estabelece uma estreita relação com a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, amplamente discutida por Lakoff e Johnson (2002), sendo focalizado o fato de que a vida é uma *viagem finita*, isto é, viver implica morrer. Tal relação estende-se a um número

¹⁵ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

considerável de falas do presidente brasileiro, sendo reiterada, por exemplo, nas frases a seguir:

- (13) “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. *É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos.*”¹⁶

- (14) “[...] O cuidado mais importante é com seus entes queridos, os mais idosos. Os outros também, mas não precisa entrar em pânico. A vida *continua.*”¹⁷

No enunciado (13) é estabelecida uma analogia entre a vida cotidiana e uma fábrica de carros, exemplificando a ideia de que paralisar as atividades da vida cotidiana não representaria uma medida eficaz para deter as mortes causadas pelo coronavírus. Já no enunciado (14) nota-se que há uma aproximação entre a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM e o chamado esquema do CICLO. Isso porque diante da expressão “A vida *continua*” o domínio conceitual “vida” é compreendido como um ciclo que não pode ser pausado. Além disso, nesse enunciado o estado de pânico é entendido como um objeto recipiente no qual a população se coloca (inerte e paralisada) em virtude do pavor exagerado provocado pela possibilidade de contrair o coronavírus. De acordo com os dizeres do presidente brasileiro, embora estejamos em uma guerra cujos efeitos mais cruéis recaem principalmente sobre os mais frágeis, tamanha preocupação não é necessária e as atividades da vida cotidiana devem ser mantidas.

Diante da menção ao contexto pandêmico enquanto “guerra”, convém ainda retomar o seguinte trecho do enunciado (12) “[...] Vamos ter que *enfrentá-lo*, mas *enfrentar como homem*, porra (sic). Não *como um moleque*”. A fala do presidente sublinha que é preciso “agir como homem” ao lidar com o vírus e “não como um moleque”. Isso porque a imagem do “homem adulto” evoca a ideia de maturidade e coragem, ao passo que a imagem do “moleque”, ou homem jovem, remete a alguém que está em processo de formação e acaba por demonstrar as próprias inseguranças, as quais são interpretadas como exemplos de imaturidade e covardia, elementos que em nada contribuem para um contexto de guerra, sobretudo, quando se pressupõe que o alcance da vitória demanda uma coragem elevada. Nesse cenário, é relevante observar outra

¹⁶Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹⁷ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

circunstância em que o discurso de Bolsonaro se entrelaça à metáfora CORONAVÍRUS É GUERRA:

- (15) “Não se surpreenda se você me ver (sic) no metrô lotado em São Paulo, numa barcaça no Rio. *É um risco que um chefe de Estado deve correr*. Tenho muito orgulho disso”.¹⁸

Esse enunciado salienta que é um dos deveres do chefe da nação arriscar-se por seu povo. Assim, o presidente se prontifica para ir ao combate junto aos “soldados” (trabalhadores) que não podem manter-se em casa e precisam “lutar” de forma mais direta contra o vírus. Verifica-se que, devido à proximidade entre as pessoas e ao consequente aumento das possibilidades de contágio, as aglomerações que acontecem no setor metroviário representam um risco para a população. Desse modo, identifica-se um ponto de contato entre os três discursos discutidos. Isso porque a fala do presidente brasileiro relaciona-se à ideia de que CASA É PROTEÇÃO, defendida tanto na carta de Trump quanto no discurso de Macron. Porém, no enunciado em questão não se identifica o objetivo de conscientizar a população quanto à importância do isolamento social, mas sim um enfoque na declaração de que o presidente está disposto a correr os riscos junto aos “soldados” durante os “confrontos” vivenciados no cotidiano pandêmico.

Outro ponto de contato entre os discursos do presidente francês e brasileiro pode ser percebido quando se considera que ambos utilizam a metáfora CORONAVÍRUS É UMA JORNADA. Contudo, no enunciado (09) Emmanuel Macron busca realçar o fato de que as decisões tomadas no início dessa “jornada” são cruciais para definir como se dará seu desfecho. Jair Bolsonaro, por sua vez, recorre ao domínio conceitual da “jornada” para focalizar o aspecto passageiro da pandemia:

- (16) [...] "Lamento a situação que nós *atravessamos* com o vírus. Nos solidarizamos com as famílias que perderam seus entes queridos, que a grande parte eram pessoas idosas. Mas é a vida. Amanhã vou eu."¹⁹

Observa-se que o enunciado (16) evoca novamente a metáfora A VIDA É UMA VIAGEM, sendo que no trecho “[...] É a vida. Amanhã vou eu.” o esquema do CAMINHO é recrutado para expressar a inevitabilidade de que a trilha da vida chegue ao

¹⁸ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

¹⁹ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

seu destino final. Além disso, a expressão linguística “[...] atravessamos *com o vírus*” retrata um caso de personificação, pois suscita a ideia de que o vírus é uma espécie de entidade que caminha conosco no percurso da jornada pandêmica. Entretanto, no enunciado (16), a palavra que merece especial atenção é “atravessamos”. Esse termo sugere que a pandemia gerada pelo coronavírus é uma “jornada finita”, algo passageiro. Tal concepção é corroborada pelas expressões abaixo:

- (17) “De forma alguma usarei do *momento* para fazer demagogia.”²⁰

- (18) “Quarenta dias depois, parece que está começando a *ir embora* essa questão do vírus.”²¹

No enunciado (17) o coronavírus é apresentado como uma realidade momentânea, que poderia ser usada para manipulação das massas; enquanto que no enunciado (18) observa-se que mais uma vez o vírus é personificado como uma entidade em movimento, de forma que essa conceitualização é alicerçada pelo esquema do CAMINHO, pois a expressão “está começando a *ir embora*” exprime a noção de que o vírus adentrou em uma rota ou percurso que poderia levá-lo a deixar o país. Outros usos da personificação no discurso do presidente brasileiro são percebidos nas frases a seguir:

- (19) “Se o vírus *pegar* em mim, não vou sentir quase nada. Fui atleta e levei facada.”²²

- (20) “Eu *não sou coveiro*, tá certo?”²³

- (21) “*Ninguém* vai tolher meu direito de ir e vir.”²⁴

- (22) “Não tem que se acovardar com esse vírus *na frente*.”²⁵

Verifica-se que no enunciado (19) o coronavírus é personificado como uma entidade pegajosa, cujos efeitos mais graves são sentidos pelas pessoas que apresentam uma saúde mais frágil. Já no enunciado (20) ele é entendido como uma entidade mortal, sendo que por meio do termo “coveiro” a impossibilidade de agir diante da pandemia é

²⁰ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²¹ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²² Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²³ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²⁴ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²⁵ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

conceitualizada a partir da impossibilidade de agir diante da morte. Acerca do enunciado (21), destaca-se que nele o coronavírus é compreendido como uma entidade que aprisiona, impedindo o exercício da liberdade, que é um direito constitucionalmente estabelecido. Essa ideia é reafirmada no enunciado (22), diante do qual subentende-se que o vírus é um empecilho bastante intimidador que se coloca a frente de toda a sociedade brasileira.

Em consequência disso, identifica-se que o esquema imagético do BLOQUEIO é evocado para proporcionar a consolidação da metáfora CORONAVÍRUS É UMA ENTIDADE QUE APRISIONA. Relaciona-se a esse conceito a construção metafórica CORONAVÍRUS É UMA PRISÃO, de acordo com a qual o vírus é apontado como responsável por *bloquear* o curso natural da vida. Tal construção pode ser resgatada pelas expressões abaixo:

- (23) “Eu não vou *viver preso* no Palácio da Alvorada com problemas grandes para serem resolvidos no Brasil.”²⁶

- (24) “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só *estará livre* quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos.”

Nesse último enunciado ressalta-se que a condição apontada como forma de alcançar a liberdade é que uma grande quantidade de pessoas seja infectada, para que se tenha uma maior geração de anticorpos contra a doença causada pelo vírus.

No que concerne à personificação, salienta-se ainda o enunciado abaixo, no qual a ocorrência desse evento metafórico não é percebida de forma tão explícita quanto nas amostras discursivas analisadas anteriormente:

- (25) "Tem a questão do coronavírus também que, no meu entender, está superdimensionado, o poder destruidor *desse* vírus."²⁷

Nota-se que o coronavírus é personificado como uma entidade cujo poder de destruição foi *superdimensionado*, o que possibilita o estabelecimento de uma relação entre o enunciado (25) e a metáfora conceitual IMPORTANTE É GRANDE, presente nas postulações de Lakoff e Johnson (1999). De acordo com esse enunciado, foi concedida uma importância exagerada ao vírus e seu poder de destruição foi superestimado. Essa

²⁶ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²⁷ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-53327880>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

perspectiva, a qual o presidente brasileiro ressalta que parte do seu próprio campo de entendimento, permite identificar a metáfora CORONAVÍRUS É UMA MENTIRA. Algumas frases proferidas ainda em março de 2020, no início da pandemia, contribuem para a consolidação da ideia de que as concepções acerca do elevado poder de destruição do coronavírus são fantasiosas:

- (26) “O povo foi *enganado* esse tempo todo sobre o vírus.”²⁸

- (27) “Muito do que falam é *fantasia*, isso não é crise.”²⁹

Soma-se a isso a afirmação de que o “coronavírus é uma gripe” depreendida a partir do enunciado a seguir:

- (28) “Depois da facada, não vai ser uma *gripezinha* que vai me derrubar, tá ok?”³⁰

Acerca dessa expressão, cabe enfatizar o uso do termo “gripezinha”. O diminutivo da palavra “gripe” ilustra a perspectiva de que a COVID-19, doença causada pelo coronavírus, é menos nociva que uma “gripe comum”. Assim, ao optar pela palavra “gripezinha”, o presidente produz um enunciado que se mostra em consonância com as demais manifestações linguísticas respaldadas na noção de que CORONAVÍRUS É UMA MENTIRA, a qual, a partir das postulações de Charteris-Black (2004 *apud* Luques 2010), pode ser apontada como um reflexo dos princípios ideológicos que norteiam as declarações e as ações de Jair Bolsonaro em relação à pandemia.

5.0 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, verifica-se que os processamentos cognitivos relacionados à produção de significados sobre o termo “coronavírus” estão fortemente alicerçados em metáforas. Assim sendo, as postulações de Lakoff e Johnson (2002), além de sustentarem a análise realizada, permitem perceber que as construções metafóricas utilizadas no processo de enquadramento conceitual desse termo são essenciais para que possamos compreendê-lo.

²⁸ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

²⁹ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

³⁰ Disponível em: <<https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>>. Acesso em: 29 de ago. de 2022.

Um aspecto que se destaca é a ocorrência expressiva dos casos de personificação. Exemplo disso é a compreensão do vírus como uma entidade em movimento, usada para referir-se metaforicamente ao aumento rápido nos números de infecções. Vale salientar também que a personificação é identificada, sobretudo, quando se considera a concepção de acordo com a qual o coronavírus é entendido como uma entidade inimiga e mortal, que deve ser enfrentada.

É interessante enfatizar ainda que, entre as expressões metafóricas utilizadas no processo de conceitualização do termo coronavírus, há uma considerável recorrência de conceitos que, conforme a abordagem de Kövecses (2002), podem ser denominados como “metáforas de esquema imagético”. Isso pode ser demonstrado por meio da metáfora CASA É PROTEÇÃO, pois o mapeamento das inferências que são aplicadas na construção conceitual do domínio-alvo “casa”, enquanto recipiente que fornece proteção, envolve elementos oriundos da estrutura esquelética do esquema imagético do CONTÊINER.

Ademais, tendo como base as postulações de Charteris-Black (2004 *apud* Luques 2010), é possível constatar que cada um dos três discursos examinados reflete traços das convicções ideológicas próprias do líder político que o enuncia. Nesse viés, a partir da proposta de investigação apresentada na seção anterior, pode-se inferir que as declarações de Jair Bolsonaro apontam para um caminho argumentativo diferente daquele que é identificado nas demais manifestações discursivas constituintes do corpus desta pesquisa.

Dessa forma, no que concerne ao discurso do presidente brasileiro, os enunciados discutidos deixam transparecer uma proposta de enfrentamento da pandemia que diverge consideravelmente daquela que é sustentada na carta de Donald Trump e nas falas de Emmanuel Macron, os quais recorrem a um enquadramento conceitual e ideológico bastante próximo. Portanto, observa-se que os discursos do ex-presidente norte-americano e do presidente francês se ancoram na compreensão de que ficar em casa é a medida mais eficiente para conter o avanço das infecções, demonstrando uma postura ideológica que é favorável ao isolamento social. Em contrapartida, as declarações de Jair Bolsonaro são permeadas pela tentativa constante de minimizar o poder de destruição do coronavírus, estimulando a população a seguir sua rotina cotidiana com normalidade, sem se deixar intimidar pelo risco de contaminação.

Nesse cenário, é importante realçar que essa posição analítica vai ao encontro dos postulados de Charteris-Black (2004 *apud* LUQUES 2010), acerca do viés persuasivo e

ideológico que perpassa o uso das expressões metafóricas. Segundo o autor, a escolha de uma metáfora em detrimento de outra não ocorre de forma casual ou neutra, mas sim em conformidade com o encadeamento argumentativo que se pretende moldar a partir dos enunciados proferidos. Desse modo, Macron e Trump procuram convencer os cidadãos franceses e norte-americanos a permanecerem em casa, ao passo que as falas de Bolsonaro podem funcionar como uma convocação para que a população brasileira se prontifique para uma espécie de embate direto com o vírus.

Apesar disso, faz-se necessário frisar que foram observados pontos de contato entre os três discursos abordados. Embora sejam reconhecidas significativas diferenças quanto aos mapeamentos e às projeções metafóricas que subjazem às expressões linguísticas examinadas, por vezes, as metáforas conceituais que aparecem nos discursos desses líderes políticos coincidem entre si. Para ilustrar isso cabe recordar as metáforas **CASA É PROTEÇÃO** e **CORONAVÍRUS É GUERRA**, pois ambas são identificadas e ativadas nos três discursos.

Por fim, o fato da decisão de permanecer ou não em casa ser influenciada pelas expressões metafóricas empregadas explicita a ideia de que as metáforas atuam não apenas no âmbito da linguagem e do pensamento, mas também na esfera das ações, sendo essa uma das proposições centrais da teoria defendida por Lakoff e Johnson (2002). Ou seja, as metáforas utilizadas exercem um papel crucial não apenas no processo de construção conceitual do termo coronavírus, mas também na maneira das pessoas (re)agirem para se defenderem diante da ameaça representada pela situação pandêmica.

Referências

JOHNSON, Mark. The Philosophical Significance of Image Schema. In: JOHNSON, Mark. **Embodied mind, meaning and reason**. Chicago: University of Chicago Press, 2017. p. 123-141.

KÖVECSES, Zoltán. Kinds of metaphor. In: KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: a practical introduction**. New York: Oxford University Press, 2002. p. 29 - 41.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad. Grupo de Estudos da Indeterminação e da Metáfora (GEIM), sob coordenação de Mara Sophia Zonotto e Vera Maluf. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.

LUQUES, Solange Ugo. **Metáfora e argumentação: uma análise crítica do discurso político**. 2010. Dissertação (Mestrado). 174 f. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2010. Disponível em:

<<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-10012011-130728/pt-br.php>>.

Acesso em: 23 mai. 2022.

SCHRÖDER, Ulrike. Antecipações da Metáfora Cotidiana nas concepções de Hans Blumenberg e Harald Weinrich. **Revista de Estudos da Linguagem**. Belo Horizonte: v. 16, n. 02, p. 39-54. 2008. Disponível em: <periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2492/2444>. Acesso em: 20 jul. 2022.

SPERANDIO, Natália Elvira; ASSUNÇÃO, Antônio. Pensando a Metáfora por um viés cognitivo e cultural. **ReVeLe**, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revele/article/view/11262>>. Acesso em: 27 abr. 2022.

_____. **Entre os domínios da metáfora e da metonímia na produção de sentido de charges animadas**. 2014. Tese (Doutorado). 154 f. Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/1843/MGSS-9W7LUQ>>. Acesso em: 20 abr. 2022.

_____. O caráter persuasivo da multimodalidade: uma análise conceitual e persuasiva das metáforas multimodais na construção de charges sobre a reforma da previdência. **Revista Porto das Letras**. Tocantins: v. 05, n. 03, p. 7 – 19. 2019. Disponível em: <<https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/7708/1600>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

VEREZA, Solange Coelho. O lócus da metáfora: linguagem, pensamento e discurso. **Cadernos de Letras da UFF – dossiê: Letras e cognição**. Rio de Janeiro: n. 41, p. 199-212. 2010. Disponível em: <<file:///C:/Users/USER/Downloads/iii.%20VEREZA.%20O%20l%C3%B3cus%20da%20met%C3%A1fora%20-%20linguagem,%20pensamento%20e%20discurso.pdf>>. Acesso em: 14 jun. 2022.